

O LOGOS PIRRÔNICO

RESENHA DE
PLÍNIO JUNQUEIRA SMITH, *SEXTUS EMPIRICUS' NEO-PYRRHONISM:
SKEPTICISM AS A RATIONALLY ORDERED EXPERIENCE*,
CHAM, SPRINGER, 2022.

Douglas Bates
Universidade
Email:

Tradução: DeepL (versão gratuita)

Revisão:
Plínio Junqueira Smith
UNIFESP, CNPq
Email: plinio.smith@unifesp.br

1 Introdução¹

O novo livro do filósofo neopirrônico Plínio Junqueira Smith (março de 2022), *Sextus Empiricus' Neo-Pyrrhonism: Skepticism as a Rationally Ordered Experience* (*O neopirronismo de Sexto Empírico: o ceticismo como uma experiência racionalmente ordenada*), traz uma lufada de ar fresco nos trabalhos acadêmicos e livros sobre pirronismo, muitos dos quais são escritos por estudiosos que distorcem ou rejeitam o pirronismo, e sobre os quais eu disse em meu livro, *Pyrrho's Way*, "... muito do que a literatura acadêmica ocidental tem a dizer sobre o pirronismo é tão preciso sobre o pirronismo quanto as descrições do ciclismo seriam se fossem escritas por alguém que nunca andou de bicicleta, nunca viu uma sendo montada, nunca falou com alguém que andou de bicicleta e que decidiu que eles podem descobrir com base na análise do conteúdo de um manual de montagem de bicicletas". O livro de Smith é um *tour de force* de catalogar sistematicamente todas as principais interpretações errôneas e de expor com paciência como interpretar corretamente Sexto Empírico.

O pirronismo, como outras filosofias como o estoicismo e o epicurismo com as quais competia no antigo mundo greco-romano, não era simplesmente uma escola de pensamento filosófico; era uma prática, um modo de vida, um método para alcançar a *eudaimonia*. Daí minha crítica acima: que tipo de compreensão de um método se esperaria ver produzido por quem nunca o praticou? Embora, é claro, uma falha básica seja um grande problema, também é verdade que o método não é fácil de entender.

Agradecemos a Douglas Bates a autorização para publicar esta resenha. De fato, esta resenha é a conjunção de três textos escritos por Bates sobre o livro resenhado. As referências a esses textos aparecem nas notas.

¹ Esta introdução foi originalmente publicada em inglês. Algumas pequenas modificações foram introduzidas. Ver: <https://medium.com/me/stats/post/4c812dbad3d4>

As obras de Sexto Empírico são a principal descrição da antiga filosofia pirrônica que chegou até nós. O que sobrevive representa apenas uma parte de suas obras. Sua obra mais completa e extensa, *Tratados céticos*, foi uma enciclopédia do pensamento pirrônico, da qual uma grande parte sobreviveu. Também sobreviveu uma versão muito condensada do mesmo material, *Esboços pirrônicos*. Esta versão condensada cobre, em ordem, os seguintes tópicos: 1. Uma descrição do pirronismo; 2. Uma descrição da prática pirrônica; 3. Uma comparação do pirronismo com filosofias semelhantes; 4. A crítica pirrônica das posições de filosofias concorrentes, sobre os assuntos da Lógica, da Física e da Ética. O que sobreviveu dos *Tratados céticos* abrange apenas o quarto tópico. Para todos os outros tópicos, devemos confiar na versão condensada, com apenas informações adicionais muito limitadas provenientes de outros textos antigos de outros escritores que também chegaram até nós. Com base no condensado quarto tópico, os *Tratados céticos* provavelmente tinham cerca de cinco vezes mais a dizer sobre os tópicos para os quais temos apenas a versão condensada. Assim, somos forçados a reconstituir o pirronismo a partir de uma descrição muito destilada.

Além desse problema, o texto está em grego antigo. Embora saibamos o suficiente sobre o grego antigo para gerar traduções úteis, as obras de Sexto são bastante técnicas. Em alguns casos, ele usa termos que raramente aparecem em outras partes da literatura grega antiga sobrevivente e, como usa alguns termos de maneira bastante técnica, há alguma imprecisão sobre seu significado e a melhor forma de traduzi-los.

Minha experiência pessoal é que, se alguém se esforça para tentar praticar o que Sexto deixa claro sobre o pirronismo, essa experiência leva a sentir as partes menos claras, permitindo que se reconstitua a prática pirrônica a partir de sua destilação. Com a publicação de *O neopirronismo de Sexto Empírico* de Smith, agora temos uma explicação muito melhor desses elementos menos claros do que jamais tivemos antes. Essa, decerto, é a boa notícia. A má notícia é que o livro é terrivelmente caro – US\$ 139,99. O livro também é tão novo que não consegui uma cópia por empréstimo entre bibliotecas. A cópia que tenho eu pedi ao editor, que me foi concedida porque já publiquei resenhas de livros sobre pirronismo.

Para um livro acadêmico, ele é escrito em um estilo direto, evitando frases pretensiosas excessivamente complexas e obscurantistas, estilo que poderia ser mais comum no gênero. Ainda assim, não é uma leitura leve, pois aborda praticamente todos os principais equívocos e disputas sobre a prática pirrônica descrita por Sexto. (Também temos descrições muito mais curtas de outros autores antigos, principalmente sobre períodos anteriores na evolução do pirronismo antigo. Smith não os aborda.)

Para dar um exemplo de como Smith aborda um dos mais difundidos desses equívocos é seu desmascaramento da ideia de que Sexto disse que se deve suspender o julgamento sobre todas as crenças. Infelizmente, esse equívoco é divulgado em um dos poucos livros sobre pirronismo para leitores em geral: *How to Keep an Open Mind: An Ancient Guide to Thinking Like a Skeptic*,² de Richard Bett (maio de 2021). Enquanto eu explico o mais básico desse erro em minha resenha desse livro,³ Smith dissecou meticulosamente as origens do equívoco, o que Sexto realmente quis dizer e como sabemos que é isso que Sexto pretendia – uma façanha filantrópica que forma o conteúdo de apenas um dos doze perspicazes capítulos do livro. Nesse capítulo (11), Smith explica elegantemente que, ao contrário das interpretações errôneas do

² Ver <https://amzn.to/36Mft2L>.

³ Ver: <https://pyrrhonism.medium.com/review-how-to-keep-an-open-mind-by-richard-bett-1657275a7304>.

pirronismo como evitando todas as crenças e afirmações de conhecimento, os pirrônicos realmente têm crenças e conhecimento – mas estes são limitados a questões sobre o que aparece (ou seja, o que é evidente).

Os pirrônicos somente evitam crenças e afirmações de conhecimento sobre a realidade subjacente (ou seja, o que não é evidente). Embora as crenças em coisas não-evidentes formem uma quantidade surpreendentemente grande de coisas sobre as quais as pessoas acreditam, livrar-se dessas crenças não deixa a pessoa em um estado totalmente desprovido de crenças. Os pirrônicos evitam crenças sobre assuntos não evidentes porque não há nenhum critério de verdade que nos assegure precisão em nossas crenças sobre a realidade subjacente; entretanto, temos critérios sobre o que aparece, ainda que esses critérios sejam intersubjetivos e por convenção. Por exemplo, você e eu certamente concordaríamos que este artigo é uma resenha de livro. Esse é o tipo de crença e conhecimento que os pirrônicos têm.

Smith explora ainda mais as nuances sobre crenças em assuntos não evidentes e mostra que elas assumem duas formas. Uma é o consentimento após a investigação filosófica, que Sexto chama de “dogma”. A outra é consentimento sem tal investigação, que Sexto chama de “opinião” (*doxa*). Smith mostra que existem duas formas de julgamento. Uma é o julgamento dogmático, que postula entidades não-evidentes e faz asserções firmes sobre elas. A outra é o julgamento pirrônico, que expressa e avalia o que aparece. O que aparece inclui até afirmações filosóficas, mas apenas com relação aos elementos evidentes dessas afirmações, não à validade final delas.

Por exemplo, Sexto analisa várias maneiras pelas quais os filósofos categorizaram os tópicos abordados pela filosofia. Em seguida, ele faz um julgamento com base na avaliação de como aparecem para determinar qual é a melhor maneira de fazer um relato pirrônico sobre os vários tópicos da filosofia. Assim, Bett (e outros) criaram uma caricatura do pirronismo e passaram a criticar o pirronismo como impossível de ser vivido. Em contraste com isso, Smith explica para nós a prescrição prática e aplicável que Sexto nos dá para evitar os tipos de fantasmas mentais que são tão comuns e causam tanto sofrimento (ver, por exemplo, quase todas as formas de ideologia política, particularmente quando essas formas são poderosas o suficiente para exercer coerção).

Para as pessoas interessadas na prática moderna do pirronismo, ou qualquer forma de neoceticismo em geral, o livro de Smith é um antídoto muito necessário para todas as interpretações errôneas comuns promulgadas por estudiosos que não praticam o pirronismo nem estão inclinados a analisá-lo com simpatia. Como adquirir o livro ou conseguir obtê-lo em uma biblioteca pode ser um sério obstáculo para muitas pessoas, escreverei duas seções com base em alguns tópicos levantados pelo livro. Os resumos de todos os capítulos estão disponíveis *online* gratuitamente e são bastante informativos sobre como pensar sobre o pirronismo, embora faltem, é claro, as explicações completas fornecidas pelo corpo de cada capítulo.⁴

2 Decidindo sem pensamento delirante

Como o livro é caro e denso e suas ideias são tremendamente valiosas para a compreensão do pirronismo, esta seção visa expandir e descompactar essas ideias para pessoas interessadas em entender a prática do pirronismo – uma prática que reduz o sofrimento e ansiedade, e ajuda a levar a melhor vida possível.

⁴ Ver <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-030-94518-3>

Este artigo é bastante técnico e não é adequado para aqueles sem boa familiaridade com o pirronismo. Se você não está familiarizado com o pirronismo, sugiro que comece por aqui: <https://medium.com/p/c05ca07a34bd>. Mas, para o pequeno público que tem essa familiaridade, as observações de Smith são fascinantes.

Smith notou algo extraordinário nas primeiras páginas de *Esboços pirrônicos* de Sexto Empírico, o texto que nos dá nossa compreensão mais completa do antigo pirronismo e que desde a Antiguidade tardia foi a principal fonte de inspiração para todos os pirrônicos subsequentes, como Montaigne.

Essa descoberta extraordinária é sobre o método pirrônico de raciocínio, chamado *logos* pirrônico e, como parte desse método, foi negligenciado e ignorado.

Smith é um pirrônico. Eu também. O livro de Smith é uma explicação acadêmica dos métodos pirrônicos. Meu livro, *Pyrrho's Way*,⁵ é um livro de autoajuda, baseado em minha experiência pessoal de seguir os métodos pirrônicos. Em seu livro, Smith explicitou várias coisas que estão implícitas no meu com relação a como praticar o pirronismo. Smith aponta que a maioria das interpretações apresentadas do *logos* pirrônico (isto é, método de raciocínio) e do pirronismo em geral foi feita por pessoas que não são pirrônicas e, por causa disso, elas entenderam mal o pirronismo. Expressei as mesmas preocupações em meu livro.

Certas partes do *logos* pirrônico são óbvias para todos. Outras partes foram negligenciadas, ignoradas ou desconsideradas, pois não se encaixam bem no estereótipo do pirronismo criado por não pirrônicos. Esse estereótipo é que o pirronismo é uma forma de ceticismo “radical” focado no uso de métodos dialéticos para suspender o juízo sobre tudo, de modo que eles não tenham crenças. Esse estado de não ter crenças é então inferido como psicologicamente impossível e fisicamente inviável.

Smith visa desiludir as pessoas desse estereótipo e substituí-lo por uma compreensão mais precisa, demonstrando que o pirronismo é uma filosofia de vida prática e facilmente habitável. Seu livro começa este trabalho com uma observação interessante e nova sobre como o *logos* pirrônico passou a ser mal compreendido.

A maioria dos textos antigos chega até nós por meio de uma ou apenas algumas cópias sobreviventes. Essas cópias são cópias, cada uma transcrita à mão de um manuscrito desgastado e comumente apodrecido. Muitas das cópias que temos foram claramente copiadas da mesma cópia intermediária, o que podemos perceber pela forma como pequenos erros de transcrição são reproduzidos. Embora tenhamos várias cópias sobreviventes de *Outlines of Pyrrhonism*, todas elas parecem ser cópias de apenas uma cópia que sobreviveu no final da Antiguidade.

Todas as cópias que temos contêm títulos de seção. Mas, nas primeiras páginas de *Outlines of Pyrrhonism* – as páginas mais importantes porque são as que definem o sistema pirrônico – Smith notou algo estranho. Se você ignorar os títulos das seções e ler apenas a cópia do corpo do texto, Sexto agrupa os tópicos de maneira diferente dos títulos. Se desconsiderarmos as indicações dos títulos das seções – que os assuntos estão sendo alterados – o texto parece dizer algo diferente do que se seguirmos as indicações dos títulos das seções.

Será que algum escriba em algum lugar dessa cadeia de transmissão teve que preencher algo de uma cópia danificada ou decidiu que alguns cabeçalhos extras

⁵ Ver: <https://amzn.to/3uJQ03I>

seriam úteis? Sabemos que isso aconteceu com outros manuscritos antigos dos quais temos muitas cópias para comparar. Por que não este?

Outra possibilidade, que Smith não discute, mas que me parece mais plausível, é que sabemos que *Outlines of Pyrrhonism* é um resumo de uma obra muito mais longa (cerca de 5 vezes mais longa), da qual temos algumas partes, mas não a parte que corresponde a essa seção dos *Esboços*. Talvez esses títulos de seção existissem no tratamento muito mais longo, quando foram expostos de maneira melhor e mais extensa, e foram desajeitadamente transferidos para o resumo, por Sexto ou algum escriba que tinha os dois textos. De qualquer forma, devemos sempre ter em mente que Sexto está trabalhando duro aqui para resumir o que ele explicou de maneira mais completa em outro lugar. Muitos detalhes que Sexto considera importantes tiveram de ser deixados de fora.

Voltemos ao problema dos títulos das seções. No início dos *Esboços pirrônicos*, Sexto diz:

Da filosofia pirrônica, um discurso (*logos*) é chamado de geral, o outro específico. No discurso geral, apresentamos a característica distintiva (*charactêra*) do ceticismo, enunciando seu conceito (*ennoia*), princípios (*archai*), razões (*logoi*), critério (*critêrion*) e fim (*telos*); bem como os Modos de suspensão do julgamento; como entendemos as expressões pirrônicas; e a distinção entre o pirronismo e as filosofias que o acompanham. (1.5)

Assim, tendo em mente o que Sexto diz aqui, devemos esperar ver, no corpo da cópia, um texto organizado para discutir esses tópicos e, de fato, é o que encontramos:

- (1) os vários nomes que pode receber (1.7)
- (2) sua concepção (1.8-11)
- (3) seus princípios (1.12-15)
- (4) suas razões (1.16-20)
- (5) seu critério (1.21-24)
- (6) seu objetivo (1,25-30)

Estranhamente, os títulos das seções são apenas parcialmente paralelos a isso. Três desses assuntos são divididos com títulos extras. Esses títulos extras são recuados na lista a seguir:

- Assunto: nomes: “Sobre os nomes do pirronismo” (1.7)
- Assunto: concepção: “O que é o Pirronismo?” (1,8-10)
 - o Assunto: concepção: “Sobre o pirrônico” (1.11)
- Assunto: princípios: “Sobre os princípios do pirronismo” (1.12)
 - o “O pirrônico dogmatiza?” (1.13-15)
- Assunto: razões: “O pirrônico tem um sistema?” (1.16-17)
 - o “O pirrônico raciocina sobre a física?” (1.18)
 - o “O pirrônico abole o que aparece?” (1.19-20)
- Assunto: critério: “No critério do sistema pirrônico” (1.21-24)

- Assunto: fim: “Qual é o fim do pirronismo?” (1,25–30)

O primeiro título adicional, “Sobre o pirrônico”, é inofensivo, mas o título do capítulo extra na discussão dos princípios e os dois títulos extras na discussão das razões que compõem o sistema causam confusão.

É exatamente no tópico que foi dividido pelo segundo assunto adicional que surgem os maiores debates e mal-entendidos do pirronismo: o que os pirrônicos querem dizer quando falam sobre o termo técnico de difícil compreensão, *dogma*? Esse será o assunto da próxima seção desta resenha.

Smith acha que o problema dos próximos dois títulos enganosos é pior porque passou despercebido. Como o debate sobre o significado de *dogma*, esse problema depende do significado de *logos*, mas como *logos* é de difícil tradução e como a discussão do *logos* pirrônico é dividida em títulos enganosos, os leitores interpretam mal o texto porque pensam que houve mudanças de assunto. Em vez disso, essas três seções tratam do mesmo assunto: o *logos* pirrônico. Por causa disso, os leitores não percebem que se descreveu o sistema pirrônico de raciocínio – um sistema que tem muitos outros componentes além da suspensão do juízo e todos esses componentes trabalham juntos para tornar o pirronismo uma filosofia de vida prática e passível de ser vivida.

O antigo conceito grego de *logos* não mapeia bem nossos termos e conceitos em inglês ou em outras línguas modernas. Todos os tipos de traduções diferentes para *logos* foram usados para vários textos religiosos e filosóficos antigos. Mesmo nas traduções das obras de Sexto, vemos muitas traduções diferentes para *logos*, variando não apenas de tradutor para tradutor, mas de contexto para contexto.

Em *Outlines of Pyrrhonism* 1.5 *logos* é traduzido como:

- “argumentos” (Mates; Annas e Barnes; Hossenfelder; Bett)
- “métodos lógicos” (Bury)
- “discurso” (discurso) (Pellegrin)

E em PH 1.17 é traduzido como:

- “uma certa razão” (Mates, Bett)
- “uma certa linha de raciocínio” (Bury)
- “alguma conta” (Annas e Barnes)
- “raisonnement” (raciocínio) (Pellegrin)
- “Lehre” (ensino) (Hossenfelder)

Em *Against the Ethicists* M 11.148–149 é:

- “argumento cético” (Bury)
- “método de raciocínio” (Bett).

Em *Against the Astrologers* M 5.2, quando Sexto usa *ton orthon logon*:

- “motivo certo” (Bury)
- “método de raciocínio” (Bett)

Não apenas temos um problema de tradução, mas, quando menciona o *logos* como especificamente pirrônico, Sexto prefacia o termo com *ti* (certo, particular), indicando que está usando a palavra de maneira técnica, com uma definição estreita, que, infelizmente, ele não nos dá.

Em *Esboços* 1.5, Sexto diz que vai apresentar o esquema dos *logoi* pirrônicos para nós. O fato de ele fazer isso em 1.16-20 foi obscurecido e ignorado porque está dividido em dois títulos enganosos sobre o assunto que está sendo discutido. Vamos agora nos concentrar cuidadosamente no que ele diz ser esse *logos* pirrônico.

Aqui está a passagem mais crucial nessa seção:

Mas se alguém disser que uma escola de pensamento (*hairesis*) é um modo de viver (*agôgê*) que, ao que parece, segue algum modo de raciocínio (*ti logos*), esse modo de raciocínio (*ekeino tou logou*) mostra como é possível parecer viver corretamente (onde corretamente é entendido não apenas como referindo-se à virtude, mas de forma mais simples) e estendendo a mão para permitir que alguém suspenda o julgamento, então dizemos que somos uma escola de pensamento, pois seguimos uma certa razão (*tini logoi*) de acordo com o que aparece que nos mostra uma vida em conformidade com os costumes de nosso país, com suas leis e orientações e com nossas próprias condições (*pathê*). (PH 1.16-17)

Em seguida, Sexto esclarece o *logos* pirrônico com relação a cada um dos três principais ramos da filosofia. Ele explica o papel das aparências na filosofia pirrônica. Mais importante ainda, ele aponta para a orientação positiva da abordagem pirrônica. Como essa orientação é tão crucial, vou parafrasear e descompactá-la em estilo de marcador para tentar tornar toda a discussão sobre os *logos* pirrônicos a mais explícito possível:

- Normalmente, as escolas de pensamento são consideradas sistemas compostos de dogmas que concordam entre si e com as aparências.

- Um dogma é uma crença em algo não evidente.

- O pirronismo não tem dogmas.

- O pirronismo é um tipo diferente de escola de pensamento.

- É uma escola de pensamento porque é um modo de vida. (N.b., os leitores provavelmente estavam familiarizados com o fato de que os cínicos também se encaixavam nessa categoria. Não é uma afirmação única.)

- *Esse modo de vida segue um modo distinto de raciocínio.* Essa forma de raciocínio a distingue de outras escolas de pensamento. (Em outras palavras, *o pirronismo é um sistema de raciocínio, uma forma de tomar decisões. Esse sistema é diferente dos sistemas usados por outras escolas.*)

- *Essa forma de raciocínio mostra como viver corretamente.* “Corretamente” significa não apenas em termos de julgamentos morais corretos e excelência pessoal, mas também amplamente em relação a todas as questões de decisão.

- *Essa forma de raciocínio cultiva a capacidade e a disposição de suspender o julgamento sobre todos os assuntos não evidentes.*

- *A suspensão do julgamento põe fim ao dogmatizar.*

- *Essa forma de raciocínio é construída sobre a observância dos fenômenos.* Centra-se nas aparências, evitando dogmas.

- Acreditamos que *esse modo de raciocinar nos aponta para um modo de vida* que esteja de acordo com os costumes de nossa sociedade, as leis locais, as preocupações de nossas instituições e nossos próprios sentimentos pessoais.

- Usando essa forma de raciocínio, colocamos dogmas uns contra os outros. Ao fazer isso, falamos e sabemos sobre esses dogmas. Poderíamos até ter que conjecturar um dogma para ter um para enfrentar um dogma particular. No entanto, em nenhum caso, jamais mantemos firmemente qualquer um desses dogmas.

- Usamos esta forma de raciocínio em todas as áreas da filosofia: física, lógica e ética.

- *Esse modo de raciocínio indica que os dogmáticos não conseguiram fornecer à humanidade um método para alcançar a sabedoria.*

- *A maneira pirrônica de raciocinar é seguir as aparências.*

- *A suspensão do julgamento não se aplica às aparências.* Aplica-se apenas a interpretações das aparências, ou seja, às explicações da suposta realidade por trás das aparências, não às próprias aparências.

- *Essa forma de raciocínio julga as aparências, com base nas aparências.*

- Embora possamos apresentar um argumento contrário às aparências, é apenas no contexto de apontar como um argumento dogmático resulta na negação das aparências. O fato de empregarmos argumentos como esse não deve ser considerado como indício de que negamos as aparências.

Sexto menciona o logos pirrônico em algumas de suas outras obras. Essas menções podem ajudar a esclarecer o que Sexto quer dizer.

Ele menciona o logos pirrônico em uma seção importante de *Against the Ethicists* (M 11.148-149), onde observa que coisas que são questões de opinião podem ocorrer “por causa de uma distorção da razão e de uma opinião sem valor (*para tèn tou logou diastrophên sumbainonta kai tèn phaulên doxan*). Nesse caso, o logos pirrônico é capaz de desalojá-los e, assim, em relação a questões de opinião, o pirrônico fica perfeitamente feliz (*eudaimon*) (ou seja, atinge a *eudaimonia*). Mas algumas outras coisas são involuntárias e estão fora do alcance da razão pirrônica. Essas coisas “são impossíveis de se livrar pelo logos pirrônico (*kata tèn skepsin logou*), pois na pessoa que está preocupada por causa da fome e da sede, não é possível através do logos pirrônico (*kata tèn skepsin logou*) gerar uma garantia de que ele não está perturbado.

De uma maneira menos óbvia, Sexto discute o logos pirrônico algumas frases depois, onde Sexto contrasta o raciocínio filosófico (*ton philosophon logon*) com a observância não filosófica (*ten aphilosophon têtêsin*) (M 11.165). Aqui, como em outros lugares, Sexto usa “filósofos” como sinônimo de dogmáticos. Sexto também usa a expressão *têtêsis* em sua explicação do critério pirrônico de ação: o pirrônico vive sua vida de acordo com “observâncias cotidianas (*kata ten biotiken têtêsin*)” (PH 1.23). Embora Sexto não use logos nessas duas passagens, a semelhança do assunto sugere fortemente que a “observância cotidiana” representa o modo de raciocínio pirrônico e que o “raciocínio filosófico” é o modo dogmático de raciocínio.

No entanto, a menção mais perspicaz dos logoi pirrônicos vem no início de *Against the Astrologers*. Lá, Sexto diz que “eles se chamam matemáticos e astrólogos; insultando com minúcias a vida cotidiana (*bios*), erguendo uma grande dose de superstição contra nós e não nos deixando usar o raciocínio adequado (*ton orthon logon*) para conseguir qualquer coisa.” Sexto aqui está defendendo o raciocínio adequado – o logos pirrônico. A astrologia é claramente contrária tanto ao logos pirrônico quanto à vida cotidiana. Sexto não suspende o julgamento sobre a astrologia. Sexto a rejeita como absurda.

Smith acha que não foi dada atenção suficiente a essa passagem. Acho que não foi dada atenção suficiente à totalidade de *Contra os astrólogos*, pois ao longo desse

livro Sexto não raciocina da maneira que algumas teorias sobre o pirronismo ditam como o método de raciocínio pirrônico. Se alguém lê *Contra os Astrólogos* sem uma noção preconcebida do que Sexto deveria estar fazendo o tempo todo – argumentos dialeticamente opostos entre si para trazer a suspensão do julgamento – vê-se Sexto argumentando diretamente que a astrologia é besteira. Aqui ele não está suspendendo o juízo. Ele está emitindo juízos. Esses juízos são alcançados por meio do *logos* pirrônico. A astrologia não corresponde às aparências. Por isso, pode ser rejeitada.

Sexto não apenas rejeita a astrologia, mas em *Contra os astrólogos* distingue a astrologia da astronomia, que ele endossa e que descreve de uma forma que considerariamos ser a descrição de uma ciência – um ofício de prever coisas com base na observação do passado. A astronomia segue o *logos* pirrônico.

... a da predição praticada por Eudoxus e Hipparchusa e homens de sua espécie, que alguns também chamam de “astronomia” (pois esta, como a agricultura e a navegação, consiste na observação de fenômenos, a partir dos quais é possível prever secas e tempestades e pragas e terremotos e outras mudanças na abóbada circundante de caráter semelhante). (M 5.2-3)

Quando se pode ver essa aplicação do *logos* pirrônico em *Contra os astrólogos*, pode-se ver mais prontamente Sexto empregando-o em outro lugar.

Sexto também usa o *logos* pirrônico para julgar o bem e o mal. Aqui Sexto considera alguns ensinamentos morais estoicos. Ele não suspende o juízo sobre eles; ele acha que eles são monstruosos.

Zenão, o líder da seita, em seus ensaios, diz várias coisas sobre o tratamento das crianças e, em particular, o seguinte: “Tenha conhecimento carnal nem mais nem menos de um filho favorito do que de um não favorito, de uma mulher do que de um homem; pois as mesmas coisas convêm e são adequadas ao favorito e ao não-favorito, à mulher e ao homem”. E no que diz respeito à devoção aos pais, o mesmo homem diz, referindo-se à história de Jocasta e Édipo, que não havia nada de chocante em ele esfregar a mãe. “E se, quando alguma parte do corpo dela estava doente, ele ajudasse esfregando-a com as mãos, isso não teria sido vergonhoso; seria vergonhoso, então, se esfregando outras partes ele a animasse e parasse sua dor e gerasse filhos nobres com sua mãe?” Com esses comentários, Crisipo também concorda. Por exemplo, em sua *Política* ele diz: “Eu aprovo viver de acordo com o que é, com razão, costume entre muitos povos hoje em dia, isto é, que a mãe tenha filhos com seu filho, o pai com sua filha e irmãos por irmãs da mesma mãe.” E nos mesmos tratados ele nos apresenta o canibalismo; ele realmente diz: “Se dos vivos alguma parte é cortada que é boa para comida, não devemos enterrá-la ou nos livrar dela de alguma outra maneira, mas devemos comê-la para que outra parte possa ser produzida de nossas partes. “ E em seus escritos sobre propriedade, ele diz expressamente, a respeito do enterro dos pais: “Quando os pais falecem, deve-se usar os enterros mais simples, tratando o corpo, como unhas, dentes ou cabelos, como nada sendo para nós, e precisamos não dê nenhum cuidado ou atenção a tal coisa. Portanto, também, se a carne é boa, as pessoas devem usá-la como alimento, assim como quando uma de suas próprias partes, como um pé, é cortada, seria apropriado para usá-lo e coisas semelhantes; mas se a carne não for boa,

eles devem enterrá-la bem fundo e deixá-la, ou queimá-la e abandonar as cinzas, ou jogá-la fora e não se preocupar com ela, assim como com pregos e cabelo.” A maioria das afirmações desses filósofos são desse tipo, mas eles não ousariam colocá-las em prática, a menos que vivessem sob o governo dos ciclopes ou lestrigões. (PH 2.244-248)

Apesar de seus argumentos sobre a inexistência de critério de verdade, Sexto não tem problemas em concluir que certas coisas são absurdas ou certas coisas são verdadeiras. Ele claramente não suspende o juízo sobre tudo. Como Sexto apontaria, é absurdo concluir que ele advoga a suspensão do juízo sobre tudo, quando ele emitiu seu juízo tão obviamente sobre tantas coisas.

Sexto deve estar julgando com base em algum tipo de padrão. Esse padrão vem do *logos* pirrônico. Esse *logos* é seguir as aparências – ou seja, guiar-se pela experiência.

Uma seção de *Against the Ethicists* é amplamente considerada enigmática por causa de suas afirmações sobre a verdade e sobre ter um padrão correto. Se alguém considerar essa seção por meio dessa compreensão aprimorada do *logos* pirrônico, não será mais enigmática:

Uma vez que, então, o componente “é” é ambíguo quando dizemos à maneira pirrônica “das coisas existentes, algumas são boas, algumas são más, e algumas entre estas”, inserimos o “são” como indicativo não do que é realmente o caso, mas de aparência. Pois temos muitas disputas com os dogmáticos sobre a natureza e a existência das coisas que são boas e más e nenhuma das duas; mas temos o hábito de chamar essas coisas boas ou más ou indiferentes de acordo com sua aparência – como Timon também parece indicar em suas *Imagens*, quando diz: “Pois na verdade direi, como me parece ser, uma palavra da verdade, tendo um padrão correto, que a natureza do divino e do bem é eterna, da qual surge uma vida mais equilibrada para um homem.” (M 11.19-20)

Aqui, apesar dos extensos ataques de Sexto à existência de um critério de verdade (para afirmações dogmáticas), Sexto endossa o uso das aparências como critério. Dentro do reino das aparências, as coisas podem ser verdadeiras e falsas; as coisas podem ser boas e ruins. A preocupação de Sexto é que os dogmáticos rejeitem os critérios das aparências – o padrão correto pelo qual uma palavra de verdade pode ser proferida. Os pirrônicos os abraçam. Esse é o coração do *logos* pirrônico.

Esse não é apenas o coração do *logos* pirrônico, mas parece ter sido fundamental para o pirronismo desde o início. Não é apenas evidente na citação acima de Timon, o *logos* pirrônico está associado a Enesidemo, que, depois de Pirro e Timon, foi a próxima grande influência no pirronismo. Infelizmente, sabemos pouco sobre o que ele disse, mas uma coisa que sabemos é o título de seu famoso livro sobre pirronismo. Esse título é geralmente traduzido para o inglês como “Pyrrhonian Discourses”, mas o título grego é *Toîs Pyrrhoneíois Logois* – talvez mais bem traduzido como “The Pyrrhonist Ways of Reasons”. Enesidemo era um cético acadêmico que desertou da Academia para os pirrônicos. Em seu livro, ele promoveu a filosofia no estilo de Pirro. Tal título teria sido inapropriado se Enesidemo estivesse promovendo algumas formas de raciocínio do cético Acadêmico.

Portanto, embora tenhamos incerteza sobre quão bem o pirronismo descrito por Sexto corresponde ao pirronismo exposto por Pirro e registrado por seu aluno

Timon, parece que a partir desses indícios devemos inferir que as ideias centrais do *logos* pirrônico remontam ao próprio Pirro. Smith merece muito crédito por desenterrar isso, e ele modestamente o enterra em uma nota de rodapé, pois é uma digressão de sua explicação do *logos* pirrônico.

3 Dogma: a doença da mente

O que os pirrônicos querem dizer com “dogma”?

Na seção anterior desta resenha, sobre o *logos* pirrônico, observou-se que em *Outlines of Pyrrhonism* a discussão dos princípios do pirronismo (PH 1.12-15) continha um assunto desnecessário: “O pirrônico dogmatiza?” Mostrou-se que esses títulos de subseções desnecessários criaram entendimentos equivocados do *logos* pirrônico. De forma menos severa, esse título também levou a entendimentos equivocados, como a pergunta – o que os pirrônicos querem dizer quando falam em “dogma” e “dogmatizar”? – é o ponto dos maiores debates e mal-entendidos do pirronismo.

De alguma forma, surgiu uma montanha de literatura acadêmica insistindo em que por *dogma* Sexto significava “crenças”. Além disso, de alguma forma, todos nós também devemos saber do que estamos falando quando falamos sobre “crenças”. A questão é um pouco mais complicada.

Smith se dedica a esclarecer se os pirrônicos têm “crenças”. Uma questão importante aqui é que os termos gregos antigos usados por Sexto não mapeiam diretamente as palavras usadas em inglês e, em ambas as línguas, as possíveis escolhas de palavras têm múltiplos significados. Como Smith é um falante nativo de português e pode ler traduções de Sexto em vários idiomas, ele parece ser particularmente sensível a essa questão crítica da tradução.

Smith aponta que Sexto usa o termo *pistis* no contexto do que chamamos de “crença”. *Pistis* é uma palavra muito usada na Bíblia, quando geralmente é traduzida como “fé”. O uso de *pistis* por Sexto indica que ele está usando *dogma* para significar algo mais restrito do que crença. Sexto até esclarece isso para nós. Quando ele menciona pela primeira vez o termo *dogma*, ele prontamente qualifica o que quer dizer com isso, apontando que o está usando como um termo técnico e que há outros usos mais amplos da palavra que ele não quer dizer, como meramente concordar com algo. Sexto nos diz que uma marca distintiva do que ele entende por “dogma” é o assentimento a uma proposição sobre algo “não-evidente”. Definir “evidente” e “não-evidente” é complicado, mas, para evitar digressões, é próximo do que queremos dizer com “empírico” e “não-empírico”.

Algumas páginas depois, Sexto qualifica o termo novamente:

Uma crença mítica (*pistis*) é a aceitação de coisas que não são o caso e são fictícias – como, entre outros, os mitos sobre Cronos – e nas quais muitos acreditam. E uma suposição dogmática é a aceitação de algo que parece ser estabelecido por analogia ou algum tipo de prova....(PH 1.147)

Smith aponta outra marca distintiva menos óbvia na definição de Sexto: se algo foi investigado ou não. A investigação é, obviamente, central para o pirronismo. É por isso que eles se autodenominam “céticos”, pois *skepsis* (investigação) é o que eles fizeram. Então, para elaborar a observação de Smith, isso nos dá uma matriz 2x2:

Dogma = investigado, não evidente

Doxa (opinião) = não investigado, não evidente

Phantasiai (“aparições” sentimentos/sensações) = não investigado, evidente

Sem nome = investigado, evidente

Muito mais tarde, nos *Esboços*, Sexto fala sobre coisas que poderiam ser consideradas nessa categoria sem nome. Ele fala sobre como os pirrônicos aceitam ideias como onde há fumaça há fogo e onde há uma cicatriz já houve uma ferida. Essas coisas evidentes foram investigadas. O termo que Sexto usa para coisas evidentes que podem ser investigadas é *phainomena* – o termo do qual temos “fenômenos”.

Além disso, no início de *Contra os Professores*, Sexto descreve o aluno de Pirro, Nausífanos, e outros pirrônicos como sendo de grande erudição. Então, deve haver algo que eles aprenderam: algo evidente que eles investigaram.

Apenas algumas frases depois de Sexto introduzir o termo *dogma*, ele nos diz que os pirrônicos aceitam a aquisição de uma expertise e habilidades para se engajar em uma profissão e para a vida cotidiana. A palavra grega para isso é *techne*. Assim, a *techne* derivada da experiência está incluída nesse quadrante sem nome. A *techne* derivada do *dogma*, como a *techne* da astrologia, seria incluída apenas no que diz respeito ao conhecimento do que tais dogmáticos dizem e fazem, e não no que diz respeito à crença em seu sistema dogmático.

Assim, o logos pirrônico (método de raciocínio) consiste em varrer o *dogma* e a *doxa* da mente, deixando a mente atentar para as *phantasiai* e os *phainomena* e, a partir das investigações destes, *techne*. Isso é o que o sistema pirrônico faz. Toda essa tagarelice acadêmica sobre que tipos de “crenças” os pirrônicos têm parece ser baseada em leituras errôneas do texto, exacerbadas por um título de seção enganoso.